



O

MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII

Florianópolis, maio de 1949

N. 3

8 de maio: DIA MUNDIAL DO CONGREGADO

MARIANOS CÉLEBRES

22. ELES REALIZARAM O IDEAL MARIANO

S. Conrado de Parzham
 S. Francisco Jerônimo
 S. Afonso Ligório
 S. Camilo de Lellis
 S. Francisco de Sales
 S. Gabriel Possenti
 S. João Berchmans
 S. João Eudes
 S. Pedro Canísio
 S. Pedro Claver
 S. Pedro Fourier
 S. André Bobola
 S. Carlos Borromeo
 S. Noel Chabanel
 S. João de Brébeuf
 S. Antônio Daniel
 S. Luiz Grignon de Montfort



S. Terezinha do Menino Jesus
 S. Fiel de Sigmaringa
 S. João Batista de Rossi
 S. João Francisco Régis
 S. José de Calasanz
 S. Leonardo de Porto Maurício
 S. Madalena Sophie Barat
 S. M. Bernadette Soubirous
 S. Vicente de Paulo
 S. Cabriel Lalemant
 S. Carlos Garnier
 S. João Lalande
 S. René Goupil
 S. Isaac Jogues
 S. Bernardino Realino
 S. João de Brito

O DIA MUNDIAL DO CONGREGADO UNE TODOS OS CONGREGADOS DA IGREJA TRIUNFANTE — DA IGREJA MILITANTE — DA IGREJA PADECENTE EM NOSSA SENHORA

ESCOLA DE GUERRA

(XXXIII)

57. "O Instrutor dos Candidatos (1) tem por ofício guiá-los e instruí-los acerca dos usos e espírito da Congregação, durante o tempo de prova que precede a sua admissão. Comunique com o Padre Diretor o que observar sobre o modo de proceder dos Candidatos na Congregação e fóra dela, para que ele possa com maior conhecimento de causa conceder a admissão, diferenciá-la ou negá-la". (2).

Comentários: (1) Este ofício é de máxima importância. Mas é, também, muito difícil em CC. MM. de ginasianos. Haverá poucas CC.

MM. desta espécie em que um membro da Directoria possa eficientemente exercer o cargo de Instrutor dos Candidatos. Mas onde isto for o caso, o oficial lembre-se que dele, em grande parte, depende directamente o bem-estar da C. M. Lembre-se também que não lhe bastam conhecimentos profundos da C. M. e uma certa eloquência, mas que deve instruir, em primeiro lugar, por seu exemplo: ele deve ser a Regra Viva. — (2) O Padre Diretor será muito grato por tais comunicações.

58. "O Tesoureiro recolhe as esmolas ou cotas fixas dos congregados (1) e benfeitores, (2) guarda o dinheiro da Congregação, e paga as

despesas dela quando lho ordenar o Director ou o Presidente. (3) Nos livros e documentos do seu cargo observará a maior clareza e diligência, (4) e em toda a sua administração há-de haver-se fiel procurador do pequeno tesouro da Virgem Santíssima a êle confiado." (5).

Comentários: (1) Ver regra 46. — (2) Trate de ganhar benfeitores que, movidos pelo amor a Nossa Senhora, ajudem a C. M. nas suas necessidades materiais. Especialmente, as CC. MM. de moços não dispõem de grandes recursos e quanto bem não pode ser efetuado por falta de meios pecuniários. — (3) Muitas vezes será mais prático

o P. Director guardar o dinheiro. Mas tanto o Tesoureiro como os outros membros da Directoria tenham sempre conhecimento exato do estado financeiro da C. M. e das entradas e despesas. — (4) O oficial observe escrupulosamente esta determinação. Haverá poucas cousas mais escandalosas do que desordens ou irregularidades na administração financeira de uma associação religiosa. Exatidão nos livros e documentos evitá-las-ão. — (5) Esta expressão "pequeno tesouro da Virgem Santíssima" há-de guiá-lo no desempenho de suas funções, será também motivo de consolação no seu cargo tão espinhoso.



Com ambas as mãos levanta, agora, o celebrante a patena sobre a qual se acha a hóstia e oferece esta a Deus Padre. Embora a hóstia ainda seja pão, mas pão destinado a ser transformado pelas palavras da consagração no Corpo de Jesus e, por isto mesmo, constitue cousa dedica à Divina Majestade, reza a oração "Suscipe, sancte Pater", na qual o sacerdote lembra sua própria indignidade e manifesta a intenção de oferecer a immaculada hóstia pelos peccados, faltas e negligências próprias como de todos os cristãos, vivos e defuntos, afim de alcançar a vida eterna.

Já nesta oração temos a indicação clara de que a sta. Missa é a renovação incruenta do sacrificio do Calvário.

Isto torna-se mais evidente ainda pela seguinte cerimônia. O sacerdote faz, com a patena na qual descansa a hóstia, o sinal da cruz sobre o lugar no corporal em que deporá logo a oblata. Esta ação exprime a verdade de que a cruz de Gólgota e o altar são lugares santos em que se oferece o mesmo sacrificio, embora de modo diferente.

Em seguida, coloca a patena, do lado direito, debaixo do corporal de modo que este a cobre em parte. Na Missa solene, o subdiácono guarda a patena debaixo do véu humeral, segurando-a diante do peito, até pouco antes da Comunhão do celebrante.



— A União Nacional de Pais de Família do México em um manifesto à nação reclama a liberdade do ensino que se lhes deve de uma maneira absoluta pelos próprios direitos de paternidade e pelos direitos de cidadãos que pagam seus impostos como todos os demais. Protestam contra "a mão de ferro de um monopólio escolar de tipo ultrahitleriano" que pesa sobre as instituições educacionais.

— Seguindo o exemplo dos Estados Unidos, da Suíça e dos demais países da Europa, o Egito estabeleceu um rigoroso regulamento referente à censura dos filmes cinematográficos.

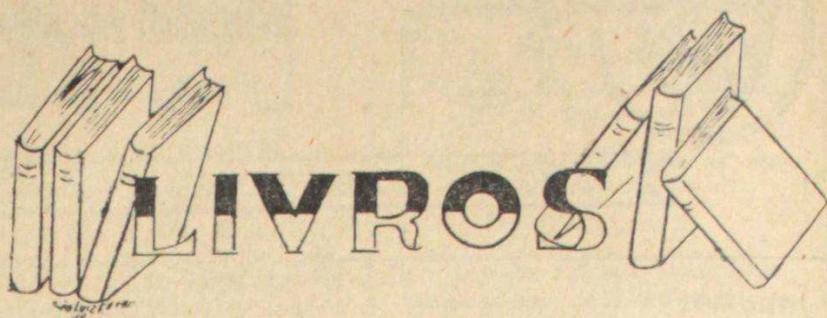
— O governo espanhol publicou o "Índice de Legislação Religiosa do Novo Estado Espanhol". No início afirma este documento: "Não é um catolicismo político, mas uma política católica." Na sua ratificação desse código, as Cortes Espanholas definem assim seu país: "A Espanha, como unidade política, é um Estado católico, social e representativo."

Das muitas determinações particulares mencionamos as seguintes: Rendem-se honras militares à

Nossa Senhora de Covadonga e de los Reyes, de Sevilha. O Estado colocou-se sob o protetorado de Nossa Senhora do Bom Conselho, celebrando-se sua festa no dia 26 de Abril. Interesse especial merecem os capelães da Academia Geral do Ar e as Missões, criando-se para estas o "Conselho Superior das Missões." Que o ensino, de modo especial, sinta essa mudança do estado vermelho para o estado católico, é naturalíssimo. O ensino religioso é obrigatório. Em todas as escolas deve haver uma imagem de Nossa Senhora, de preferência da Imaculada Conceição. Reza uma ordem do dia: "No rico patrimônio de tradições populares vital e autêntica manifestação do gênio nacional, figura com marcado relêvo, que os séculos vieram cinzelando, a devoção espanhola a Virgem Maria, Mãe de Deus."

Também a devoção ao Sagrado Coração de Jesus deve ser cultivada em todos os estabelecimentos de ensino. — (Revista Javeriana Bogotá)

N. d. R. É de admirar que certa gente não goste do "Novo Estado Espanhol"?



Existe Deus?... por Alfredo Maria Mazzei; Oficinas da Editora A Noite, Rio de Janeiro, (1948). — Eis a verdade fundamental exposta não por um sacerdote, mas por um leigo. Houve um tempo, quando para Mazzei Deus não existia, uma época, quando a existência de Deus para ele era um problema. Já o não é. Como para tantos outros, para este professor de Química Agrária a ciência genuína foi o guia que o levou às alturas onde brilha, no seu esplendor infinito, a Luz Eterna. O que ele achou, deposita-o, ajudado por vastíssima cultura, neste livro, destinado a esclarecer e confirmar na fé a muitos de seus irmãos. Com a largueza do cientista legítimo, aborda e trata os grandes problemas. Em síntese muito feliz, o autor expõe a doutrina católica, demonstrando que o conceito verdadeiro e justo de Deus leva, inevitavelmente, a Cristo e sua Igreja, depositária única de verdade. Naturalmente, não há-de convencer a todos. Pois há os sofistas que não querem conhecer a verdade. E não existem cegos mais cegos do que aqueles que não querem ver. Mas para homem inteligente, esta obra será a chave que lhe abrirá o reino da verdade, da força e da luz.

— Sec.: C.

O Assalto à Normândia, por J. E. Taylor; Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1947.

— Não procure neste volume uma reportagem sensacional. Trata-se aqui de cousa muito mais valiosa. Assistimos ao longo, laborioso e paciente planejar de uma acção guerreira como a história da humanidade não tem visto. Testemunhamos a abnegada cooperação de homens de várias nações que, escondendo-se sob o anonimato, procuram uma só cousa: vencer o inimigo totalitário que está resolvido a impossibilitar uma invasão no continente europeu. Mas a vontade das nações aliadas é mais forte. Vence todos os obstáculos, mesmo o furor dos elementos adversos. Fala-nos o livro ainda da abnegação com que milhares de homens se submetem às ordens emanadas da autoridade, mesmo quando não conhecem o sentido destas ordens. E eis que, como resultado desta harmonia de vontade, surge, na costa da Normândia, um porto artificial que torna possível a vitória sobre o orgulho insensato de um inimigo feroz. Como outras tantas vezes, a vitória dos aliados é o triunfo da abnegação dos humildes que servem incondicionalmente aos seus chefes. — Sec.: A.



27 de Março — Chuva grossa. Mas as duas CC. MM. dos Externos encheram a metade da capela que lhes está reservada aos domingos. Não é mais como há anos...

30 de Março — O Kraemer diz que o Teixeira vai (financeiramente) muito melhor desde que é tesoureiro da C. M. E. o Teixeira acusa ao Kraemer de sair dos cafés sem ter pago as despesas. E uma cousa é tão verdade como a outra.

2 de Abril — Para escalar os oradores da reunião do dia 23 deste mês foi preciso tirar três bilhetes da ominosa caixinha, pois o Antônio, um dos sorteados, estava ausente. E a sorte caiu sobre o Ademí, primo e advogado do ausente.

4 de Abril — Dizem que as esposas são as causas dos atrasos dos maridos. Mas que trabalheira para reunir as Directorias dos Internos e da Secção dos Menores dos Externos parar tirar retrato! Os internos vão à procura um do outro, e dos externos o Emanuel vem sem paletó e o Rubem nem sequer fez a barba.

6 de Abril — As três CC. MM. do Colégio Catarinense assistem à s. Missa rezada por Sua Eminência Dom Jaime Cardeal de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro. Sua Eminência é um dos fundadores da C. M. de N. Sra. da Glória e ajudou na organização da C. M. N. Sra. do Rosário, actuando como primeiro Presidente dela.

ESSA HISTÓRIA DE ADÃO E EVA

(Tradução)

Daniel A. Lord, S. J.

(Continuação)

Eva Responde. Os olhos de Eva seguem os do tentador e encontram a árvore.

Que linda se apresenta aí, na quente quietude da tarde, à luz do sol a beijar suas frutas e transformando-as em seres mágicas e fascinantes. Desvia o olhar com dificuldade. E então, protótipo de milhões de pobres meninas, apresenta-se para explicar ao tentador que afinal as cousas não são tão ruins como ele as pinta.

"Mas das frutas da árvore que está no meio do Paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos; e que não as tocássemos, para que não talvez morrêssemos."

Já chegou ao ponto em que põe todo o caso no subjuntivo. Não é uma simples declaração de um facto, mas uma hesitante repetição de qualquer cousa que ouvira, mas que não está agora certa de acreditar.

"Isto é o que Deus diz," parece querer insinuar. "Naturalmente, eu pessoalmente não posso saber. Pode ser que Deus nos tenha logrado todo este tempo. Talvez pudéssemos comer a fruta sem que nada nos acontecesse. A morte parece uma penalidade grave e pesada para uma violação tão leve. Mas já que Deus o diz, não gostaria de me arriscar. Mesmo assim, há alguma cousa em teu olhar que parece significar que duvidas de tudo isto".

Persuação. De facto, o seu olhar é cínico.

Quase podemos ver sua cabeça chata e maliciosa levantar-se num movimento que corresponde a um sorriso tolerante. A moça percebe logo que ele se apiada da inocência, da credulidade dela. Evidentemente, ele pensa que ela é da espécie que acredita tudo, não importa quão inconveniente ou ridículo. Qualquer um deveria saber, assim seu sorriso sugere, que, quando comes a fruta, ficarás mais forte e viverás mais tempo. Frutas são excelentes para a saúde.

Que ridículo prestar atenção às afirmações de um Deus que bem claramente quer assustar um casal de filhos muito novos, vedando-lhes a ocasião para um pequeno divertimento, uma aventurazinha animadora!

"Não," assegura ele, "não morreréis."

Como os tentadores do mundo inteiro, empurra para o lado todo pensamento em possíveis consequências do pecado. "Ridículo!" — assim a fraseologia moderna havia de parafrazeá-lo. "Quem jamais vos disse que iríeis ser castigados, se pecásseis? Minha boa filha, onde pescaste a idéia ridícula que o pecado não é doce e delicioso? Que pena de ter-te assustado todo este tempo com essa história de preço pelo pecado e as penalidades do vício! Realmente, irrita-me por ver-te assustada. Entretanto, com franqueza, estou um pouco

enleado porque acreditas tais bobagens.

"Pelo contrário," parece insinuar "podes tomar minha palavra pelo que isto é justamente o que precisas. Far-te-á um bem imenso. Deus também o sabe; mas então Deus não se importa tanto assim com tua saúde... teu divertimento... teu desenvolvimento completo... como eu.

"Porque Deus," diz a serpente, "sabe que no dia em que comeres da fruta, teus olhos abrir-se-ão; e serás como Deus, conhecendo o bem e o mal."

Conselho Manhoso. "Então foi isto o que estava atrás da ordem!" pensa Eva. "A repugnância de Deus de ver-nos galgar até Ele, a relutância de achar-nos tão sábios quanto Ele é, de sabermos as cousas que Ele sabe!"

Sente cócegas nos dedos. Seus olhos brilham com antecipação. Evidentemente, a serpente sabe de que está falando. Está tão convincente, tão sofisticada e tão sabida nas cousas do mundo.

Que modos ignóbeis, êsses de Deus, se Ele todo êsse tempo os estava privando de uma clara visão da vida! Ah, ver a vida como ela realmente é! Fazer experiências das quais a gente se pode gabar! Não meramente conhecer o bem que, muitas vezes, é aborrecido e monótono, mas saborear esta cousa misteriosa chamada mal!

Mal! Sua língua explora a palavra, brinca com ela. É uma palavra sedutora, uma palavra hipnótica, uma palavra repleta de estranhas e divertidas promessas.

Pensar que, só por ter deixado de mostrar um pouco de ousadia, Deus conseguiu impedí-la de saborear êste mal e apreciar seus deleites!

Entretanto, acima de todas as outras promessas, uma ressonou em sua cabeça como uma música alegre, provocadora:

"Sereis como Deus..."

Ora, se isto fora verdade, Deus já não podia amolá-la com mandamentos. Ela poderia simplesmente fazer o que lhe aprouvesse. Os poderes de Deus seriam os poderes dela. Não seria simplesmente uma meninazinha, sem experiência; seria uma mulher sábia, experimentada, profunda, mundana.

A Árvore das Árvores. Olhou mais uma vez para a árvore, desta vez, com olhos famintos.

Sentiu que, realmente, nunca a tinha visto antes.

Até êste momento, estava entregue à exploração dos deleites sem limites do jardim; mal tinha tempo suficiente para justamente reparar a existência da árvore proibida. Era mesmo uma arte entrelaçar rosas, e ela estava aprendendo esta arte. Com a habilidade de dona de casa estava aprendendo a selecionar as frutas que rendessem um alimento substancioso e aquelas que fossem meramente um de-

leite para o paladar e as que com seu delicioso suco matassem uma sede agradável. Realmente, apenas começara a explorar os recursos do Paraíso em redor dela.

Mas agora, tudo quanto fizera antes, parecia rotineiro e tedioso. Abriu-se-lhe a perspectiva da aventura e da experiência. Tudo o mais era sedição e insípido.

"(Ela)... viu que a árvore era boa para comer e deliciosa para ver."

Aquela árvore proibida foi, de facto, mais bonita do que as outras? Quem sabe? Foi sua fruta, realmente, a mais succulenta de todas as frutas do jardim? Possivelmente. Mas isto faz parte da outra questão eterna: É o pecado jamais e realmente mais atraente do que a virtude? E para esta pergunta a resposta é um infalível "Certamente não". Quando, porém, a fantasia começa a brincar com a questão, quando o astuto caixeiro viajante do pecado repete seu discurso de negociante e estimula uma fantasia por demais pronta a condescender e afia um apetite aquiescente...

Eva correu para a árvore e puxou para si o ramo carregado de frutas que parecia vir ao seu encontro espontaneamente.

"E ela tomou uma fruta e comeu-a."

O Tentador Azula. O tentador ganhara sua vítima. A primeira história da inocência traída torna-se o paradigma segundo o qual todas as futuras traições podem ser planejadas.

Depois, sua obra executada, o tentador foge da cena. Imperceptível afasta-se pela relva, mal perturbando uma folhinha. Porque deveria ficar para observar o naufrágio certo? Arrasta-se para longe afim de gozar sua vitória. Tem de achar um lugar onde se desfazer do disfarce, onde pode rir e exultar e apertar contra o coração sua alegria obscena.

Aquí está uma cena tão perfeitamente elaborada que somente uma pessoa sem imaginação ou um homem sem poesia na alma pode deixar de sentir a qualidade eterna da história. Nenhum drama ou romance ou poema de sedução jamais contará o curso da sedução tão completa, tão humana, tão convincentemente.

Infelizmente, sedução chegou a significar principalmente incitamento a pecados de paixão. Isto é uma limitação que considera a forma mais frequente da sedução. Mas sedução é aquele solicitar e ganhar homens e mulheres para que atraíam sua lealdade. É o habil assédio que a baixeza forma ao redor da inocência. É a brilhante contorsão por meio da qual homens e mulheres são arrastados do lado da bondade luzidia e esplendorosa para o do malcheiroso e repelente mal.

E o Homem... E a história

completa seu ciclo com a volta de Adão.

Feliz com o trabalho do dia no jardim luxuriante, ele estende seus braços para sua mulher.

Mas entre os dois ela segura a fruta proibida.

Uma primeira sensação de horror constringe a garganta de Adão. Que tem feito ela? Que loucura atrás é esta que ela o convida a partilhar?

Então abala-a compreensão que ela comeu da fruta e que uma penalidade decretada contra a mulher separá-los-ia, talvez para sempre. A fruta na mão estendida, de repente, transforma-se numa barreira divisora. É quase como se ele não pudesse chegar a ela a não ser que ele passe por cima do insignificante montículo, crescido agora à altura de uma montanha.

Ela sorri-lhe através do abismo. Parece-lhe ver como o pecado com força a afasta dele. Há alguma cousa dela que ele agora não partilha, uma parte dela que já não é dele. E o sorriso de convite nos lábios dela chama-o que venha e tome essa parte... que corra para ela por cima do vácuo que ela acaba de cavar... de tomá-la em seus braços mais uma vez antes de ser-lhe arrebatada pela morte ou a ira de Deus que lhes ordenara que não tocassem aquela fruta.

Seu Deus ou sua mulher?

Toma a fruta, não porque é doce e atraente e deliciosa, mas porque descansa na mão que ele deseja ardentemente segurar e porque está entre ele e a mulher que deve possuir.

Come.

A história chega ao desfêcho.

O modelo, eternamente repetido, do pecado foi estabelecido por um homem, por uma mulher e o sedutor que sabia como insinuar-se na vaidade e paixão e orgulho dos filhos e das filhas de Deus.

Mais uma vez a Criação. Agora voltamos a questão da criação de Adão e Eva por Deus. E já que todo mundo fala sobre a história e poucos jamais se importam de ler as destemidas afirmações nas quais a Bíblia recorda a criação de Adão e Eva, devemos-lo a nós mesmos de colocar aquí essas afirmações.

Com um fino senso pela dignidade da humanidade, o autor sa grado primeiro conta a história da criação do homem numa passagem que serve como magnífico libreto para um grande oratório.

(Continua)

O ÚLTIMO ASSALTO

José de Cidade Real

(Conclusão)

Num minuto estava lá. Abriu o instrumento. Manejou a chave que ligava o motor dos foles. Começou, como tantas e tantas vezes o fizera, a parafrasear uma melodia qualquer. Não obteve, porém, a satisfação esperada. Pela primeira vez, incomodou-o o zumzum mal perceptível do motorzinho. Apagou a lâmpada do pedal, pois parecia-lhe esquentar os joelhos. Mais uns compassos — e puxou a tampa por sobre o teclado.

Voltou ao quarto e permaneceu algum tempo no escuro, deitando um olhar pela janela aberta sobre o panorama que lhe oferecia a noite enlaurada. Olhava sem nada ver.

Afinal resolveu deitar-se. Fez suas orações — não com atenção demasiada, — meteu-se debaixo do chuveiro frio e foi para a cama.

Não conseguiu conciliar o sono. Virou-se de um lado para o outro. Perguntou-se se comera alguma coisa que lhe tivesse feito mal. Contou as pulsações. Nada de anormal. Ao mesmo tempo teve a desagradável impressão que saberia a causa de seu mal-estar — se quisesse sabê-lo. Veiu-lhe a impressão que era um covarde. Uma luta surda no subconsciente deixou-o enervado. Mas decidiu que era positivamente o calor que o incomodava tanto. O remédio indicado seria outro banho frio. Foi tomá-lo.

Ah! É isso! Ao voltar do banheiro passou para o quarto de traba-

lho afim de averiguar se a porta dessa peça estava chaveada. No escuro esbarrou contra a mesinha colocada ao lado da entrada.

Um duro som metálico rachou o silêncio da noite, e Bernardo viu alguma coisa branca cair ao soalho. Junto com uma salva para cartas levantou do chão um envelope. Acendeu a lâmpada. Da sobrecarta tirou uma folha de papel simples. Leu:

"Noviciado dos Padres.... 26-8-19...

"Prezado amigo.

"Esperamo-lo para o dia 14 de Setembro p. v. No dia seguinte começará seu ano de provação de vida religiosa.

"Cordiaes saudações.

Todo seu in Corde Jesu

P. N. N.

Mestre de Novícios".

Bernardo levou a mão à testa e exclamou: "Ah! é isso!" No mesmo momento, compreendeu a sua inquietação, viu o jôgo malicioso de D. Maria.

"Velha bruxa!" exclamou irreverentemente. "Então, foste tu quem arranjou-me aquele "tête-à-tête" com tua Chiquinha encantadora! Foi isso que te tornou tão amável e tão espirituosa durante o chá! E por um triz ganhasses. Quem sabe se não terias logrado êxito sem esta carta? Mas tua trama esta desvendada".

Na Manhã seguinte. Um quarto antes das 6, Bernardo desceu a escada. No patamar, Ami, o cão preto, grande amigo do jovem e com-

panheiro assíduo nos longos passeios, abriu uns olhinhos sonolentos e fez menção de se levantar. Um gesto enérgico de Bernardo imobilizou-o. Depressa o moço desceu a segunda parte da escadaria e fechou apressadamente a porta atrás de si. Não queria que o cão o acompanhasse. Achando-se o vigário de St. Laurent de retiro no seminário diocesano, não havia s. Missa na igreja dessa localidade durante esta semana. Por isso, Bernardo dirigiu-se à paróquia vizinha de Chamec que se achava a cinco kms. de distância. Se o bem treinado Ami se achasse em liberdade e notasse a diferença de direção tomada por Bernardo, não haveria meio de impedi-lo de acompanhar seu amigo. Mas, felizmente, Ami estava atrás de portas trancadas.

A lembrança da cena final da noite passada provocou um sorriso no jovem e fê-lo apreciar a bela manhã como um precioso tônico para corpo e alma.

O sol iluminava as montanhas do ocidente e fazia brilhar como diamantes as gotas de orvalho que enchiam os frágeis cálices das flores ou pendiam das pontas das ervas.

O moço tinha percorrido a metade do caminho, quando, de repente, sentiu a aproximação rápida de um ser vivo. No instante seguinte, deitou-se a seus pés Ami, de língua para fora.

"Patife, vira-lata!" ralhou Ber-

nardo. "Como escapaste? Que vou fazer contigo agora? Tu não podes entrar na igreja".

É que Ami costumava acompanhar a Bernardo por toda a parte. Conseguia sempre, de um modo ou outro, atravessar as portas que deixavam passar seu amigo. E até mostrava uma pronunciada preferência por vastas naves de igrejas onde podia correr sobre o lageado liso. Acompanharia também agora ao jovem até a mesa de Comunhão. Que fazer?

O moço continuou seu caminho, procurando uma solução para o problema premente.

Veio-lhe uma idéia.

Sempre trazia consigo um laço sobressalente para as botinas. Tirou-o do bolso. Fez um nó corredio e mais um segundo que deveria impedir que o cão se estranhasse nos seus esforços para libertar-se da corde ao redor do pescoço e meter-se na igreja.

Assim chegaram ambos ao templo de Chamec. Bernardo, com alguma dificuldade, prendeu a Ami à grade da porta do pátio. Suspirando aliviado, entrou no recinto sagrado.

Mas desta vez, foi-lhe difícil seguir, com devoção a sta. Missa. Em meio de suas orações, surgia sempre um vulto, atrapalhava-o um pensamento.

Via o vulto negro de Ami e pensava: "Oxalá! este maldito cão não se enforque!"

FIM

... Servir-vos sempre ...

Durante este mês de Maio, milhares de congregados, em todas as línguas do orbe, pronunciam as palavras acima, ou consagrando-se ao serviço de Cristo por Maria, ou renovando esta consagração.

Entretanto, este serviço há limites. Estes limites coincidem com os limites da nossa força de vontade.

Uns são tão fracos que já semanas depois de sua admissão à C. M. faltam às Comunhões Gerais e às reuniões. Outros não se lembram que não basta a frequência dos atos da C. M. Faltam aos seus deveres de católicos, aos seus deveres de estado.

Por que? São fracos, são moles.

Que podem a Igreja e a pátria esperar de filhos sem força de vontade?

Olhem para o exemplo da "Mulher forte". De pé está debaixo da cruz. Não se importa com o clamor blasfemo da multidão, como não recuava diante dos sacrifícios que lhe impunha a fuga para o Egípto. Não desanimava na procura do Menino Jesus até que o achasse no templo.

Mariano, sê forte nas adversidades, nas lutas contra as tentações. Sê perseverante no cumprimento de teus deveres.

Serve-LHE sempre!



O Polvo Vermelho e seus Tentáculos — "Quando o polvo bolchevista envolve com seus tentáculos uma nação, a vitalidade desta esvai-se, sugada por mil ventosas". (Albert Kalme: "Os Crimes Sangrentos dos Sovietes nos Países Bálticos").

SABES TU:

1. em que dia foste batizado?
2. em que dia foste crismado?
3. a data de tua Primeira Comunhão?

4. em que dia se celebra a festa do santo de teu nome?
5. a data de tua admissão como congregado?

Estes são dias de muito maior importância do que teu aniversário natalício. Por que?

JOSÉ MARIA SÁNCHEZ DEL RIO

(EL niño de Sahuayo)

Martirizado aos 10 de Fevereiro de 1928.

Este valente menino ardia em desejos de combater ao lado dos defensores da liberdade da Igreja. Tendo, porém, apenas 13 anos, o chefe das forças se negara a recebê-lo até que recebeu um pedido no qual se lhe pediu um lugar "não já para pegar em armas, já que ainda não sirvo para tal, mas, pelo menos para cuidar dos cavalos dos soldados de Cristo Rei".

Incorporado nas forças libertadoras, distinguiu-se por uma bravura temerária. Chegou a ser o porta-bandeira do regimento.

Aconteceu que certo dia se encontrassem em situação muito difícil, porque as forças federais mataram o cavalo do general a cujo lado pelejava o menino Sánchez del Rio. Este, ao ver que se aproximava o inimigo, disse a seu superior: "General, tome meu cavalo; eu não sirvo para nada; o sr. nos é necessário. Salve-se".

Realmente, o chefe se salvou, e nosso futuro mártir foi capturado e levado à prisão de Sahuayo. Depois de ter estado vários dias aí e pedido a seu pai que não mandasse dinheiro para seu resgate, foi fuzilado às onze da noite da data acima.

(Traduzido de: Mártires Mexicanos — Soldados Fieles de Cristo Rey; por John L. Deister).